

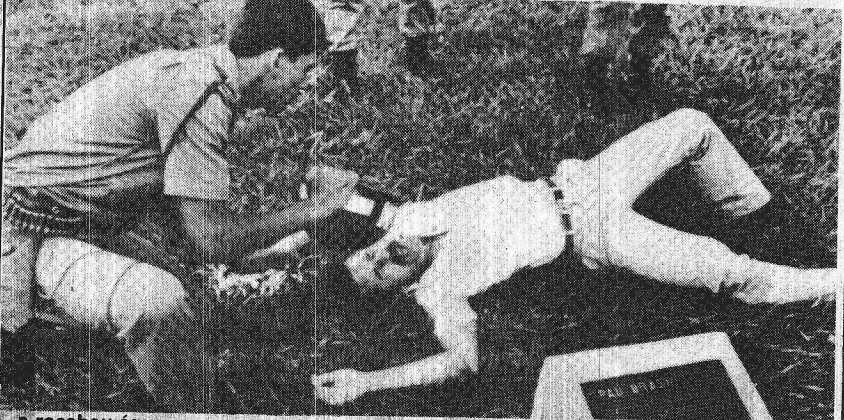
O menino conseguiu ser salvo depois de levantado por soldados...



...quando era espremido pela multidão.



Este foi passado por cima das grades...



...e recebeu água para se recuperar.



Depois do tumulto inicial, houve tranquilidade para a visita ao corpo do presidente.

“Vão devagar, pro povo acompanhar.” A multidão protesta contra a rapidez do cortejo.

mentos depois com o caixão de Tancredo Neves, enrolado na Bandeira Nacional. Dona Risoleta e Aécio, de mãos dadas, na porta do avião, observaram a descida, o caminhão do Corpo de Bombeiros aproximando-se para abrir o cortejo. Numa pequena cerimônia, exigida pelo protocolo, o oficial Ronaldo Alencar Porfírio, “recebeu o corpo”, enquanto aterrissava um segundo Boeing presidencial trazendo autoridades da Nova República, entre elas o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles. Um terceiro avião ainda pousaria, transportando a bancada mineira no Congresso, em Brasília. O governador Hélio Garcia circulava entre o governador Franco Montoro, o jornalista Antônio Brito e os bispos d. João de Resende Costa e d. Serafim Fernandes de Araújo, atrasando a partida do cortejo. Sob o sol, e em quatro galáxias acomodadas-se toda a família Neves. Em meio a reclamações pela demora, ouviu-se Inês Maria dizer à mãe, dona Risoleta: “Se papai estivesse vivo, aprovaria”.

Protestos

O cortejo partiu aberto por dois caminhões com jornalistas. O povo que se juntou na área do aeroporto deu claros sinais de sua decepção, gritando aos batidores para que diminuíssem a marcha, e depois xingando, não sendo atendidos. A própria imprensa protestou, mas foi impotente. “Será que o corpo de Tancredo já não poderia ficar mais tempo exposto ao sol?” — perguntava-se um repórter, procurando uma explicação. Os ciclistas ficavam para trás. Quem tentava acompanhar correndo desistia em pouco tempo. Nem aquela surpresa preparada por uma revendedora de automóveis, uma serenata de buzinas, freiou as motocicletas, o caminhão do Corpo de Bombeiros, os jipes do Exército e a longa fila de carros. E nem mesmo o hino nacional.

Estavam ali, muitos escondendo-se do sol com guarda-chuvas, emocionados, mostrando cartazes, fotos, cantando. Calcula-se que eram mais de 300 mil, ao longo do percurso — o mesmo que Tancredo Neves percorreu, glorioso em 18 de janeiro, voltando de sua vitória no Colégio Eleitoral, em Brasília. Em alguns momentos, atiravam ramos de flores. Agitavam bandeirinhas. E lenços brancos. Batiam palmas. E faziam coro: “Oh, Minas Gerais”.

Quando penetrou pela avenida Afonso Pena, próximo ao centro da

Vivo”, sob uma chuva de papel picado. Os soldados se desdobravam para evitar uma inundação de gente sobre o caixão. Neste momento, 15 horas, até que conseguiram, e sem violência alguma. E que todos estavam como que hipnotizados com a marcha fúnebre dos cadetes da Polícia Militar, vestidos com o uniforme da Milícia de Tiradentes. O alto-falante descrevia Tancredo como “o novo herói”, “o líder”, “o novo difusor de ideais”, o “mártir da democracia que habitará eternamente entre nós”.

“Ri-so-le-ta, Ri-so-le-ta” — grita em coro a multidão quando a vê saindo no carro, vestida de negro, um ramo de rosas brancas e vermelhas à mão, e amparada por sua filha, Inês Maria. Parecia então estar muito fraca, porque levantou com dificuldade e bem devagar o seu braço direito, para um breve aceno à multidão. Deixava-se con-

duzir, seguindo lentamente pelo tapete azul estirado à porta do Palácio da Liberdade. Toda a família a seguia. Bem à frente do caixão, enrolado na bandeira brasileira, caminhavam os ministros Dornelles, Ronaldo Costa Couto e José Hugo Castelo Branco. A banda tocava a “Marcha Fúnebre”, de Chopin.

A multidão, até agora contida, então explodiu. Muitas das pessoas espremidas contra os soldados dos cordões de isolamento não aguentavam, desmaiavam. E sempre que uma era socorrida, abria-se um buraco nesse dique de gente muito emocionada e ao mesmo tempo aterrorizada pelo pânico. Uma mulher, por exemplo, caiu ao chão repetindo: “Ai meu Deus, Ai meu Deus”, tremendo convulsivamente. A seu lado, outra chorava: “Não devia terminar assim, não devia...”

Moisés Rabinovici

A multidão tornou-se incontrolável. As pessoas da frente eram pressionadas contra os soldados dos cordões de isolamento, que então as empurravam de volta para trás. Algumas brechas acabaram surgindo, como num dique, e todas as pessoas que vazavam atropelavam-se na corrida até as grades do Palácio da Liberdade. O sistema de alto-falantes pedia calma, insistentemente, para conter a iminente explosão já armada. Anunciava que todos teriam uma chance de passar diante do caixão de Tancredo Neves, “o mártir da democracia”. Inútil: o povo transbordou.

Com a primeira onda, mais de trinta pessoas se feriram. Elas chegavam ao Centro de Tratamento Intensivo Móvel, montado numa lateral da praça da Liberdade, carregadas pelos soldados que agora não tinham mais a função de conter a multidão. Algumas só estavam asfixiadas, sendo despachadas assim que recobravam os sentidos. Havia duas mulheres passando por uma crise de histeria. Um caso de hipoglicemia. Torsões. As ambulâncias partiam com os casos que não podiam ser tratados na rua. E chegavam os primeiros rumores de que quatro pessoas, pelo menos, estariam mortas.

Pouco antes, tinha conseguido me aproximar do governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, que acabava de sair de seu carro, na praça da Liberdade, para perguntar-lhe por que o povo mineiro fora mantido à distância do cortejo com o caixão de Tancredo Neves. Durante os 12 quilômetros separando o aeroporto da Pampulha do Palácio da Liberdade, cerca de 4.600 soldados da Polícia Militar zelaram para que não se repetisse o que aconteceu em São Paulo e Brasília, nos dois últimos dias: o povo, emocionado, despedindo-se do presidente que não foi empossado.

— Por que, sr. governador? — e quando aproximei o gravador para uma resposta, um agente de segurança me empurrou. Quando consegui voltar, o governador Hélio Garcia dizia, então diante de câmeras de televisão: “O povo está gritando um, dois, três, cinco mil — Tancredo continua presidente do Brasil. Maravilha” — exclamou, acrescentando:

“Isto dá uma demonstração, a todos nós, homens públicos de Minas e do Brasil: o que está aí (a multidão na praça, talvez umas 500 mil pessoas) foi feito sem a distribuição de passagens, sem convites maiores, sem que fossem mandados ônibus aos bairros... é uma demonstração de que o povo mineiro, o povo brasileiro confia naquilo que há de mais sagrado: dignidade, honradez, firme propósito. Isto me anima porque este é o ensinamento que ele (Tancredo Neves) deixou — para mim, para todos nós”. Na prática, porém, essa manifestação espontânea tão ressaltada pelo governador Hélio Garcia não

foi compensada — mas, sim, punida.

Como Tiradentes

Foi um cortejo fúnebre em alta velocidade, se comparado com os emocionados desfiles-despedida de São Paulo e de Brasília. Levou exatamente 40 minutos. Por isso, o povo gritava:

“Vão devagar, pro povo acompanhar.”

O Boeing 737 da Presidência da República pousou às 13h51 no Aeroporto da Pampulha, desativado para grandes aviões desde 2 de janeiro de 1984. A área estava decorada com faixas com frases do presidente Tancredo. “Ser mineiro é ser conciliador”, era uma delas. Ou algumas assinadas pelo PMDB: “Minas entrega à Pátria o mártir da Nova República” e “Tiradentes e Tancredo, dois mineiros e um só compromisso — a liberdade”. A Polícia Militar estava postada ao longo do trajeto do cortejo, desde bem cedo, protegendo os cordões verde-amarelos usados para o isolamento. Não se esperava muita gente nas ruas da periferia, não sendo feriado, só ponto facultativo na cidade.

Poucos amigos reuniam-se na sala VIP do Aeroporto da Pampulha. Ali estava o arcebispo “Mar” Crisóstomo Moussa Salama, da Igreja Síria Ortodoxa do Brasil, que viu Tancredo Neves pela última vez, ainda antes do voto do Colégio Eleitoral. Depois, viajou para a Síria, de onde só agora voltou. Estava ali, também, o prefeito da cidade de Cláudio, Múcio Tolentino, irmão de dona Risoleta.

“Nossa cidade está muito triste”, ele contou ao chegar. “Estamos todos bastante abatidos. Mas o que se há de fazer? O que nos preocupa agora é a saúde de Risoleta. Ela resistiu a esses últimos 41 dias difíceis ao lado de Tancredo. E tem que aguentar firme ainda...”

Alguém comentou, na rodinha formada, que dona Risoleta está sendo chamada de “a dama de ferro”, como a primeira-ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher. E o prefeito Tolentino acrescentou: “É... Risoleta sempre se mostrou forte nestes momentos” — referindo-se às mortes do pai, de um irmão e, agora, de Tancredo.

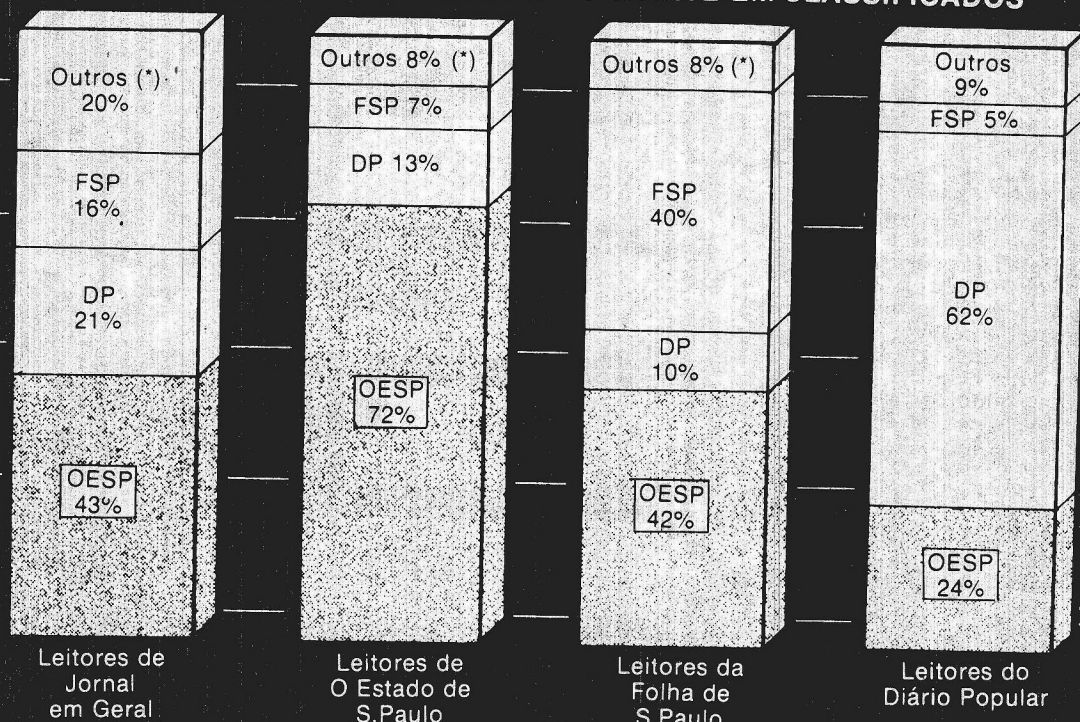
O ex-governador Francelino Pereira estava ali também, na sala VIP do aeroporto. E José Jeremias Mesquita, 69 anos, que há 30 dava-se intimamente com Tancredo. O governador do Espírito Santo, Gerson Camata, chegou quase ao mesmo tempo que o Boeing presidencial, desafiando Minas Gerais a “produzir um outro líder” e citando dona Risoleta: “Sejam fortes” — ela teria dito. “Tancredo Neves deu um exemplo de dignidade. Sigam este exemplo.”

O avião taxiou na pista da Pampulha, com seus faróis acesos. Seis soldados da Aeronáutica marcharam escada acima descendo mo-

Qualidade + Eficiência Liderança

III - Até os leitores dos outros jornais acham que O ESTADO DE S. PAULO é o jornal mais importante em classificados

JORNAL CONSIDERADO MAIS IMPORTANTE EM CLASSIFICADOS



(*) — Menções iguais ou inferiores a 5%.

Fonte: Instituto Gallup — Avaliação da seção de anúncios classificados de jornais entre a população adulta paulistana. Agosto de 1984.

Classificados de
O ESTADO DE S. PAULO
Respostas com qualidade